

## OPINIÃO

# Hora de arrumação da casa


**MAURÍCIO CORRÊA**  
Advogado

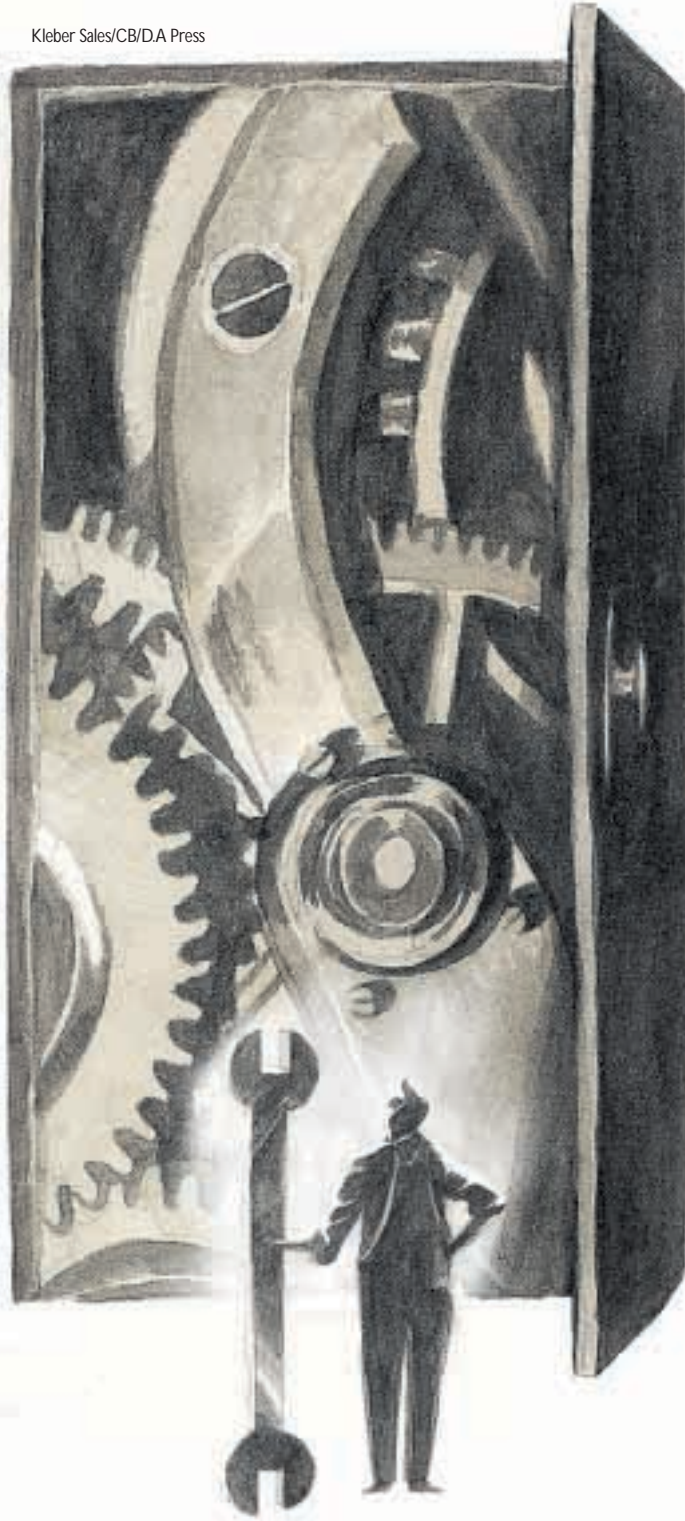
Estes dias têm sido pródigos de surpresas agradáveis. O risco-país desceu ao menor patamar desde sua criação. Quanto mais baixo se achar, tanto melhor para a vitalidade econômica dos países. Inspira confiança na comunidade de investidores internacionais.

O Brasil foi contemplado, por outro lado, com sua elevação no investment grade. A finalidade desse serviço é medir a pontuação do grau de organização das diversas economias do planeta. Em decorrência de tal certificação privada, os investidores mundiais podem saber onde melhor aplicar seus recursos. É exatamente isso o que ocorreu conosco. Somos agora um país com bandeira verde para quem queira aqui investir. Nada ruim para quem começa a projetar-se na era do desenvolvimento.

Nestes últimos dias, houve renovação na chefia de alguns tribunais superiores. As mensagens proferidas pelos novos presidentes não se afastaram de uma mesma preocupação. Centraram-se na necessidade de viabilizar meios para uma mais eficaz distribuição de Justiça. Sabe-se que um dos elementos que mais contribuem para o atraso do país no conceito internacional — sobretudo na economia dos negócios — assenta-se na deficiência do funcionamento da Justiça. Se, de um lado, o Judiciário é festejado pela independência com que proclama suas decisões, sem submissão a nenhum outro poder, por outro padece da ferrugem dos instrumentos processuais de que dispõe. No Brasil, em matéria de Justiça, tudo ou quase tudo fica na dependência do carimbo e da espera indefinida.

Seria injusto virar os olhos aos esforços que têm sido feitos. A informatização introduzida nos tribunais é o melhor exemplo das boas novidades que ocorreram no Judiciário. Avanços têm sido agregados com constância nos serviços judiciários, como a substituição de formulários, procedimentos ultrapassados e velharias incompatíveis com a dinâmica moderna. Não seria justo dizer que os tribunais judiciais, especialmente os federais, têm sido sacrificados em seus orçamentos. Não há cornucópia a jorrar dinheiro fora. Os próprios edifícios dos tribunais federais em Brasília, contudo, estão aí para constatação. É sinal de que não é poder materialmente desamparado. Nesse aspecto, não há do que se queixar. Seus serviços são regrados com recursos públicos até com mais primazia do que muitos outros órgãos do Estado o são. A causa dos males do Judiciário está nos

Kleber Sales/CB/D.A. Press



instrumentos processuais. As pequenas reformas que foram feitas nesse campo não passaram de acanhados ensaios do que necessita ser feito. Todos sofrem com isso. Sofrem os advogados, as partes, os juízes, os serventuários e os que, diretamente, atuam na Justiça. O Brasil ao conseguir se credenciar no investment grade passa a ser objeto de análise de investidores. O capital especulativo dos que apenas querem retorno imediato em juros e outras vantagens não é o de que o mais precisamos. Capital bom e desejável é o que aqui fica na forma da realização em empreendimentos permanentes. Dos que acreditam no país, em suas potencialidades e em seu futuro.

localar-se na linha de chegada dos países que se organizam. Ora, para fazer funcionar toda a engrenagem do sistema, de nada valerá consertar um componente, se o resto da máquina continuar enferrujada.

Grandes empresas internacionais têm encontrado dificuldades de instalação no país. O ponto nevrálgico de tudo está na burocracia do sistema judiciário. Há uma conjuntura mundial que privilegia o Brasil. Tudo neste momento conjura a seu favor. Espaço, clima, água, sol e floresta. Para completar esse complexo, as instituições nacionais estão consolidadas. É preciso arranjar a casa. Do contrário, seremos rejeitados pela inércia. É tempo de agir.

Se os homens que têm força e poder político não se aperceberem de que o Estado não pode resolver tudo apenas com base no dinheiro, mas que é necessário também investir nas pessoas que o servem, jamais a verdadeira reforma dos instrumentos processuais será realizada. Enquanto gastam-se meses e até anos para se abrir uma empresa no Brasil e, às vezes, ainda mais tempo para poder fechá-la, nos países organizados esse tempo não passa de horas ou de dias. É lógico que o investidor quer é agilidade em seus negócios. Vai preferir local em que o Estado reconhece que a abertura de novas empresas se traduz em maior desenvolvimento, mais geração de impostos e empregos.

Enquanto os dirigentes políticos brasileiros não se derem conta dessa realidade, continuará o país a viver sob o signo do atraso. Perderá cada vez mais espaço para as nações que implementaram essas conquistas. O investidor estrangeiro tem pavor da burocracia brasileira e, mais ainda, da burocracia da Justiça. Para que possa haver harmonia entre as ações de modernização do Estado, impõe-se priorizar as reformas na estrutura do processo. Sem que se proceda a essa evidência, o Brasil terá dificuldades de co-


**ARI CUNHA**  
visto, lido e ouvido

Desde 1960

 ari.cunha@correioweb.com.br  
com Circe Cunha // circe.cunha@correioweb.com.br

## Travessia

Como todo apaixonado, os meios são a justificativa para alcançar o fim. Nada mais interessa pelo caminho. É a vez de o coração deixar a razão descansar. Pacaembu lotado. A entrada do lado do Corinthians abarrotada. Do outro lado, nem tanto. Daí surgiu a idéia do pai. Atravessar pela torcida do outro time até chegar à fiel. Camisas bem escondidas. Respiraram fundo e entraram no campo do inimigo. Gelavam, tremiam, suavam. Sentiam-se como se todos estivessem olhando para a travessia que faziam. O coro bradava palavras de ordem e de baixo calão contra o time. Se deixassem de gritar com a mesma fúria dos torcedores da área inimiga, seriam reconhecidos e massacrados. Foi a alternativa para sobreviver. Gritavam loucamente contra o time venerado. Xingavam e acompanhavam os gestos da multidão. Parecia que o percurso até o outro lado não tinha fim. Os momentos de angústia foram recompensados. De repente os seguranças e policiais impediram a passagem para o time alvinegro. Foi aí que os dois mostraram que por baixo do casaco vestiam camisa diferente da torcida em que estavam. E passaram para a banda de lá. Foi assim a tarde de Dilma Rousseff no Senado. Sabia o que iria dizer. Falou com paixão e maestria. Passou pelos inimigos falando a linguagem deles. O único que levantou a voz foi o responsável pela resaca moral no dia seguinte. Dilma mostrou a camisa do coringão. É pau para toda obra. Até para as do PAC. (Circe Cunha)

### A FRASE QUE FOI PRONUNCIADA

“É a atuação do advogado que faz as leis, não os parlamentares.”

João Paulo, estudante de direito, que acompanha o caso Izabella e o de Dorothy Stang

### Trânsito

O coronel Jair Tedeschi dá entrevista sobre o trânsito em Brasília. Sem se arvorar de entendido, deixou por conta da modéstia a disposição pelo trabalho. Manifestou a participação como autoridade, lembrou a presença do deputado Fraga, secretário dos Transportes, e dissertou sobre o movimento de Brasília. Vai morar em Águas Claras, de onde comandará o serviço em defesa da cidade.

### Consórcio de crime

Quem é brasileiro sente o abandono em que se encontra o Pará. Nada tem sido feito pelas autoridades para proteger a região do desmando. Religiosos estiveram na Câmara dos Deputados para denunciar crimes de violação dos direitos humanos, prostituição infantil, grilagem de terras e desmatamentos. Todos com sotaque e nome estrangeiro.

### Reforma

Quando se falou na reforma do Palácio do Planalto, o governador José Roberto Arruda ofereceu ao presidente Lula o Palácio do Buriti. Foi aceito. O que se pensa é ocupar também imóvel do Banco do Brasil e alugar outros. Muita gente deseja ficar ao lado do presidente, mas é preciso dispersar para evitar tumultos funcionais.

### Embolada

José Aparecido Nunes Pires saiu do BNDES, voltou para o TCU e é investigado

sobre lobby de empréstimos vantajosos a municípios. O senador Álvaro Dias deu a notícia e foi moderado. O detalhe é que José Aparecido é ligado ao ex-ministro José Dirceu, que está sendo julgado por crimes também financeiros. O governo precisa de calma e ordem para trabalhar. Os maus negócios estão em todas as áreas.

### Casa do Ceará

Fernando César Mesquita a pleno vapor na presidência da Casa do Ceará. Está em contato com a iniciativa privada. Precisa de dinheiro para reformar o Lar dos Velhinhos. Toda ajuda vale a pena, já que a causa tem sua nobreza pelo trato dado pela casa a quem tem idade avançada.

### TV Globo

Um deputado comentou todo satisfeito depois de uma entrevista para repórter da TV Globo: “Ela disse para eu não olhar para a lente. Mas a lente são os meus eleitores. Ao assistir à entrevista, eles estarão olho no olho comigo. Desobedeça à Globo e adore!”

### Grilhões

Na terça-feira, o plenário do Senado vai comemorar os 120 anos da abolição da escravidão. O momento será de reflexão. Os senadores Aloizio Mercadante, Paulo Paim e Cristovam Buarque solicitaram tempo para falar na sessão. Esse, como tantos outros assuntos da história, permanece atual. Muito a comemorar e mais a fazer.

## 60 anos de Israel


**JAIME PINSKY**  
Historiador, editor, livro docente pela USP e professor titular da Unicamp  
www.jaimepinsky.com.br

Com a colaboração do então presidente da Assembléia Geral das Nações Unidas, o brasileiro Oswaldo Aranha, o Estado de Israel foi criado pela comunidade internacional e comemora agora 60 anos de existência. Para alguns, a (re)criação de um Estado judeu naquela região, quase dois milênios após a destruição dos últimos resquícios de um poder político judeu, pareceu um milagre. Para outros, um acontecimento que contraria a lógica histórica. E, para poucos, principalmente os que esqueceram que o bloco soviético mostrou mais entusiasmo por Israel do que os EUA ou a Inglaterra, o país representava um fato colonial.

Como 60 anos é muito tempo, principalmente numa época em que até acontecimentos são objeto de consumo rápido, vale a pena lembrar os três fatores que efetivamente devem ser colocados nos fundamentos do novo Estado: 1) o sonho milenar do “retorno” a Sion, que era mais uma nostalgia do que uma atitude, recitada pelos judeus no final de várias rezas; 2) as condições materiais de existência dos judeus na Polônia e no império czarista, que deixaram grande parte da população judaica em situação de miséria, propiciando o surgimento de idéias messiânicas e políticas de auto-determinação nacional; 3) o holocausto,

massacre de metade da população judaica mundial por parte dos nazistas e a destruição da cultura judaica de língua iídiche, que reacendeu a coesão do povo judeu em torno de uma idéia nacional.

A idéia sionista e o holocausto são fatores que merecem ser um pouco mais esclarecidos. No início do século 20, um jovem pensador judeu russo escreveu obra baseada no pensamento marxista em que mostrava a importância de os judeus se espalharem por todos os setores da pirâmide social. Borochov (esse era o nome dele) pode ser considerado uma espécie de pai espiritual do kibutz, a colônia agrícola coletiva para onde uma importante parcela de jovens judeus socialistas europeus se mudou. De fato, nos primeiros anos do século, a composição social do que poderíamos chamar genericamente de Palestina era muito curiosa. De um lado, o proprietário de terra árabe que explorava o camponês e sua família numa relação que poderia perfeitamente ser chamada de feudal. De outro, colônias agrícolas judaicas onde ninguém era proprietário dos bens de produção (terra, máquinas, ferramentas) e até mesmo de bens de uso como roupas. Era o comunismo levado a sua última consequência, já que cada um dava de si o que podia e recebia o que precisava, dentro dos limites das possibilidades da coletividade. Assim, antes de haver propriamente um choque entre árabes e judeus, houve um choque de caráter social.

Mais tarde ocorreria o holocausto. Nunca será possível superestimar a importância que o massacre nazista teve sobre os judeus. Devemos lembrar que os judeus estavam na Polônia e adjacências havia sete séculos (mais que o tempo decorrido da existência do Brasil

pós-descobrimto) e que, por ocasião das perseguições nazistas, receberam muito pouca solidariedade de poloneses não judeus, salvo raras e honrosas exceções. Pelo contrário, sabe-se hoje que poloneses, ucranianos e até lituanos colaboraram grandemente na caça aos judeus, sendo que, em algumas situações, foram bastantes ativos nessas tarefas degradantes. O judaísmo polonês desenvolveu uma cultura própria, sustentada em língua estruturada no alemão medieval, acrescida de palavras eslavas e hebraicas (língua, por sinal, utilizada por Isaac Bashevis Singer, prêmio Nobel de Literatura).

Os nazistas e seus aliados acabaram com o judaísmo de fala iídiche e com 6 milhões de judeus, assassinados apenas por sua etnia, real ou imaginária. E muita gente não conseguiu fugir do nazismo por não ter, simplesmente, para onde ir. Assim, a idéia de um lar nacional, um abrigo seguro para onde os perseguidos pudessem se dirigir é facilmente compreensível. Para muitos sobreviventes do holocausto a única chance era fazer parte de um Estado próprio, judeu, Israel.

É verdade que o país talvez não tenha feito jus a todos os sonhos igualitários. É verdade também que esses sonhos não passam atualmente de vaga lembrança, no mundo inteiro, hoje varrido por um pragmatismo assustador. O kibutz deu lugar aos muros de concreto, a integração cedeu à exclusão, e isso é triste. Mas será tão diferente das fortalezas em que nós todos nos entrincheiramos, defendendo-nos, com altos muros, grades e porteiros uniformizados, dos brasileiros pobres e miseráveis? Mais do que julgar levemente, o que nos resta é desejar que Israel encontre com os vizinhos o caminho da harmonia e do respeito. Todos merecem viver em paz.